ARACATI COMO TERRA PROMETIDA: O CASO DOS FRANCO-JUDEUS NO CEARÁ

Eustáquio Gonzaga Alvarenga Júnior*

RESUMO
O presente artigo busca analisar a trajetória da imigração franco-judia para Aracati, no Ceará. Recorremos, como fontes, ao resgate da memória oral desse processo imigratório e fontes escritas do período, jornais, almanaques comerciais e revistas da época. Confrontando com os recursos teóricos da micro-história e das teorias migratórias, buscamos analisar questões como a motivação para o processo de imigração para o interior cearense, o processo de inserção dos imigrantes na sociedade acolhedora, as atividades nas quais os imigrantes atuaram e as conexões sociais estabelecidas entre os imigrantes e a população local.
Palavras-chave: Processo Imigratório. Memória Oral. Micro-História. Franco-judeus. Ceará.

ABSTRACT
This article analyzes the trajectory of Franco - Jewish immigration to Aracati, in Ceará. We used as sources to rescue the oral memory of this immigration process and written sources of the period, newspapers, commercial almanacs and magazines of the time. Confronting the theoretical resources of microhistory and migratory theories, we sought to analyze issues such as the motivation for the immigration process in the interior of Ceará, the process of insertion of immigrants into the welcoming society, the activities in which immigrants worked and the connections between immigrants and the local population.
Keywords: Immigration Process. Oral Memory. Micro-History. Franco-Jews. Ceará.

Introdução

Essa pesquisa teve início há dois anos atrás, quando ouvimos pela primeira vez histórias contadas por amigos e que versavam sobre a aventura imigratória de um bisavô judeu que resolveu fazer a vida na América Pródiga (maneira como os imigrantes europeus se referiam ao Novo Mundo, no final do século XIX). Desse modo e lembrando das lições aprendidas nos estudos de micro-história durante a graduação, onde se aprende que toda trajetória de vida

* Graduando em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE – Fortaleza/CE – eustaquio.junior@uol.com.br

merece e pode ser historicizada, pensamos que tal assunto poderia caber numa investigação científica que versasse sobre as razões que envolveram essa mudança brusca de vida. A opção em relação às fontes recaiu sobre as memórias orais, sobretudo aquelas coletadas junto aos descendentes desse bisavô franco-judeu. Tais relatos foram confrontados com ampla bibliografia pertinente ao assunto, bem como com jornais, almanaques comerciais e revistas de época, além de fotografias de acervo familiar. A metodologia escolhida foi a do jogo de escalas presente na feitura da micro-história, fórmula consagrada por pioneiros como Carlo Ginzburg[1].

Diante da escolha de tal objeto, resolvemos elaborar algumas problemáticas a serem pesquisadas e elucidadas: o que motivou e desencadeou esse processo imigratório? De que maneira esse indivíduo e seus companheiros de sina migratória se inseriram na sociedade acolhedora? A que atividade se dedicaram, uma vez aqui estabelecidos? Suas conexões sociais envolveram conterrâneos e gentios (não-judeus)?

As conclusões elaboradas requereram a leitura e a articulação entre diversas fontes, além de estudos sobre teoria migratória. A análise do contexto mundial do período foi essencial para o presente trabalho, sobretudo no que tange às minorias judaicas e seus fluxos migratórios quase sempre associados às perseguições sofridas por essa etnia.

Judeus Europeus: Entre Diásporas e Perseguições

Para Hobsbawn (2011), o século XIX é filho da "revolução dual", como assim menciona. Revolução essa representada pela junção das mudanças trazidas no esteio da Revolução Francesa e da Revolução Industrial: a primeira alterando a maneira de se enxergar e fazer política, a segunda mudando para sempre a forma como os meios de produção se organizavam. O mundo de então passou a se conectar numa cadeia complexa de relações comerciais que uniu diversas praças e produtos.

Nesse contexto, a Europa tornou-se o centro original de um desenvolvimento capitalista que foi, paulatinamente, modificando o mundo. Outros fatores como o avanço das mais diversas tecnologias, citando, por exemplo, a navegação a vapor, contribuíram imensamente para a construção e o estreitamento desses laços comerciais. O mundo do século XIX encolheu geograficamente e aumentou demograficamente, como menciona Hobsbawn (2011). A população europeia, na virada do século XIX para o XX, era algo em torno de 430 milhões de pessoas. Esse contingente populacional portava diversas problemáticas sócio-econômicas e a imigração serviu como válvula de escape a elas. Sobre isso, Klein (2000) declara:

[1] Historiador italiano ligado à Universidade de Bolonha e autor de clássicos da micro-história, como "O queijo e os vermes".

> Quase todos afirmam hoje que, principalmente após 1870, os fluxos migratórios e as condições econômicas da América estavam estritamente relacionados. [...] O grande número de viagens marítimas garantia o contato constante e relativamente imediato com todas as nações americanas do Atlântico. Para citar um único exemplo, no período posterior a 1880, partiam do porto de Santos no Brasil, vários navios por semana com destino aos principais portos europeus do Mediterrâneo e até do Atlântico Norte, e todos tinham capacidade de transportar na terceira classe várias centenas ou mesmo milhares de emigrantes. (KLEIN, 2000, p.23)

Sendo assim, esse desenvolvimento experimentado pelo Continente Europeu trouxe um outro lado que contrastava com o fausto das maquinofaturas e do consumo das classes mais abastadas: uma imensa massa de proletários que viu suas perspectivas de progresso social minguarem nas dependências de insalubres fábricas. Arrancados de suas comunidades campesinas originais, foram esses operários testemunhas de um novo monstro forjado pelo progresso da época: as metrópoles industriais. Desse modo, oprimidos por uma realidade pouco promissora, voltaram seus olhos para o vasto mundo que então cada vez mais se expandia e interligava.

Cita Limoncic (2005), que os anos de 1800 viram surgir uma das maiores correntes migratórias de que se tem notícia até hoje. Dentro dessas correntes figuravam os mais diversos povos e etnias, como os judeus. Vindos de experiências de perseguições que remetiam a tempos imemoriais, estavam acostumados com pequenas e grandes diásporas. Citando como exemplo a realidade experimentada por inúmeras populações judaicas que viveram sob o regime dos Romanov, na Rússia de então, percebemos as privações às quais esses povos foram submetidos: as políticas públicas czaristas restringiam oportunidades de trabalho e de moradia. A prática de "pogroms[2]" era comum e até estimulada.

Diante disso, migrações internas e externas de populações judaicas, tanto "asquenazim[3]" quanto "sefaradim[4]", passaram a serem registradas no período. Nesse contexto, o grande sonho presente no imaginário dos imigrantes europeus era o de "fazer a América", como se dizia. Num primeiro momento, cita Limoncic (2005), foram os Estados Unidos da América a imediata opção da maioria desses grupos. Contudo, com o decorrer do tempo e o grande número de imigrados já estabelecidos nos EUA, passaram a Argentina e o Brasil a figurarem como alternativas para esses migrantes.

Essas levas de imigrados europeus incluíam também diversos membros da comunidade judaica. Cidades como Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, com suas relevantes populações dessa etnia, atestam isso. Segundo da Corte (2013), a maioria desses imigrantes judeus aportados em terras brasileiras se dedicava ao comércio. Esse país tão em tudo oposto às

[2] Perseguições e linchamentos organizados contra minorias, sobretudo judeus.
[3] Judeus oriundos da Rússia, do Leste Europeu e de países como França e Alemanha.
[4] Judeus oriundos do Norte da África e da Península Ibérica.

suas terras natais era visto como um paraíso do ponto de vista do antissemitismo. Pelo menos daquele institucionalizado e presente no cotidiano de diversos países, como a Rússia e a Polônia.

Essa notável dedicação das populações judaicas ao comércio foi construída historicamente, pois muitas vezes, em seus países de origem, esses grupos só podiam exercer a prática do comércio de alguns gêneros, a usura[5] e a lapidação e venda de pedras preciosas.

Fazer a América no Ceará

Uma das regiões irradiadoras de imigrantes na Europa foi a Alsácia-Lorena. A Guerra Franco-Prussiana (1870) havia culminado com a anexação dessa parte da França pelo Império Prussiano. Desse modo, muitos rapazes acabaram por abandonar a região – judeus inclusos – por conta da possibilidade de servir ao Exército da Prússia. Alguns fixaram-se em outras zonas do país, porém, a maioria atravessou o Atlântico perseguindo o sonho de fazer a América. Dentre esses imigrados estava Myrtil Meyer, jovem judeu alsaciano que havia recusado a perspectiva de alistar-se nas fileiras prussianas, assim como também declinado do projeto paterno do rabinato. Vindo de uma família de tradição religiosa, Myrtil não sentia-se inclinado a entrar na escola de rabinos, como atesta sua neta, Heloísa Meyer[6].

A decisão de imigrar para o Brasil, especialmente para o Ceará, deveu-se sobretudo ao fato de dois irmãos de sua mãe, Mathilde Levy, já estarem estabelecidos em Aracati, atuando no comércio local, como atesta a neta Heloísa[7]. Outro fato relevante, ao se contemplar esse pequeno fluxo migratório de judeus alsacianos que se estabeleceu para o Ceará, foi o da primazia dos judeus Boris. Segundo Takeya (1995), os irmãos Boris fixaram-se em Fortaleza no ano de 1872. Expulsos de sua Lorena natal pelos desdobramentos da mesma guerra, procuraram opções de sustento que os levaram ao mundo além-Atlântico. A grande expansão industrial vivida na França sob o reinado de Luís Felipe estimulou conexões das praças francesas com as americanas. Comum era, nesse contexto, que se criassem firmas cujas matrizes permaneciam na França, ao passo que as filiais eram montadas em importantes centros regionais mundo afora.

A opção de Alphonse e Theodore Boris por Fortaleza, no Ceará, consistiu numa escolha estratégica, cita Takeya (1995): as praças do Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo, Santos, Salvador e Recife já estavam saturadas de imigrantes que se dedicavam ao comércio, inclusive judeus. A Província do Ceará abria um universo de possibilidades comerciais, notadamente aquelas que

[5] Empréstimo de dinheiro a juros.
[6] FACÓ, Heloísa Meyer Alves (neta de Myrtil Meyer). **Entrevista sobre Myrtil Meyer**. Fortaleza, 15 abr. 2012.
[7] Ibid, 2012.

envolviam a exportação de artigos como a cera de carnaúba, os couros, o algodão e as palhas. Em troca, importavam tudo o que havia de manufaturados produzidos na Europa: louças variadas, móveis, artigos de luxo para senhoras, instrumentos musicais, tecidos. Logo progrediram e notícias dessa empreitada bem-sucedida devem ter chegado às regiões de onde procederam, alimentando os sonhos de quem só queria um motivo para partir. Sendo assim, constatou-se que vários judeus alsacianos vieram a radicar-se nas cidades de Aracati e Fortaleza, importantes pulmões econômicos regionais das últimas décadas do século XIX. Sobrenomes como Boris, Meyer, Levy, Gradvohl e Klein passaram a ser uma constante nos livros comerciais do Ceará de então. É Takeya (1995) quem ilustra a importância da atuação desses imigrados:

> No que diz respeito à exportação de matérias-primas locais, como os couros e o algodão, a "Levy Fréres" manteve independência nos negócios. Exerceu acirrada concorrência com a própria "Casa Boris", sobretudo no tocante aos couros, quando a província, devastada pela grande seca de 1877, teve seus rebanhos drasticamente diminuídos. Ofertando preços mais vantajosos para quem quisesse vende-los, chegava mesmo a "enviar os corretores até a distância de 10 a 15 léguas para deste modo não escapar-lhe comboio algum". Nesta fase de grandes lucros para aqueles que comercializavam com couros para o mercado externo, "Levy Fréres" igualou-se à "Casa Boris" ao fretar, frequentemente, navios que enviassem essa mercadoria para os portos de Havre e Hamburgo.(TAKEYA, 1995, p. 117)

Em relação à compreensão da dinâmica do processo imigratório desses estrangeiros, é Oswaldo Truzzi (2008) quem descreve e tipifica os aspectos que envolveram esses fatos. Aqueles que imigravam acabaram por construir **redes migratórias** (grifo nosso), entendendo-se essas redes como um complexo de laços interpessoais que ligavam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes, nas áreas de origem e destino, através de laços de consanguinidade, amizade e conterraneidade.

Myrtil Meyer e seus companheiros de experiência imigratória construíram o que Truzzi (2008) chama de **migração em cadeia** (grifo nosso). Essa categoria migratória consiste no deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos, geralmente já instalados no local de destino. Também há que se mencionar o papel importante do **sistema de redes nas sociedades receptoras** (grifo nosso), onde se compreende que os vínculos sociais são valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após o processo imigratório. Com isso evidencia-se o valor estratégico dos vínculos comunitários, étnicos, matrimoniais e ocupacionais, presentes também no processo de integração à nova sociedade.

Sendo assim, razoável é se presumir que esses franco-judeus alsacianos exerceram influências e auxílios mútuos, pois as origens em comum, tanto religiosas quanto geográficas

denunciam vínculos informais que foram importantes nas decisões de imigrar e no estabelecimento final em cidades como Aracati e Fortaleza.

A Memória e a História

A história dos judeus tem sido contada das mais diferentes formas desde tempos imemoriais. Portadores de uma cultura milenar, a tradição oral e as práticas religiosas constituem traços fortes de referência identitária, menciona Cytrynowicz (2013).

Ao se elaborar esse trabalho, tomamos como material principal a fonte oral construída a partir dos depoimentos dos descendentes desse judeu imigrado. Desse modo, Myrtil Meyer, através de sua rota pessoal, foi mais um dos de sua etnia que vivenciou uma pequena diáspora.

Os percalços de seu povo; sejam eles as perseguições, expulsões ou retornos, marcaram histórias traçadas ao longo do tempo. No esteio desses fatos, criaram-se correntes migratórias de judeus que tiveram como destino final o Brasil. Vê-se assim que a história é tecida nos cotidianos mais comezinhos e que as trajetórias de vida e relatos orais podem revelar uma dimensão do passado, uma memória do vivido. São esses fatos da vida comum, sobretudo aqueles que não constam das narrativas oficiais, que estabelecem vínculos com o passado e o presente, como bem tem nos ensinado a micro-história. Dentro dessa abordagem teórico-metodológica, percebe-se a importância de um diálogo estreito entre a Antropologia e a História.

A coleta dessas memórias e estratégias necessita da metodologia que envolve esse tipo de fonte para ser revelada e tratada. Tais fontes acrescentam uma dimensão viva e que traz novas perspectivas ao trabalho historiográfico. Podemos ilustrar a importância da história oral pelo trecho a seguir de obra de Paul Thompson (1992):

> [...] a história oral pode ser de grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização da pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p.17)

Dessa forma e retomando a trajetória de Myrtil Meyer, percebemos que tal indivíduo foi mais um dos que engrossou as fileiras do número de imigrados saídos da França, no decênio que foi de 1891 a 1900. Mais uma vez, é a narrativa de uma das netas que vai pontuar seus percalços:

> Porque como ele era o filho mais velho e ele tava (sic) com uns dezenove anos, o pai dele disse: “Olha, você vai fazer o serviço militar no exército alemão...” E o vovô disse: “Eu não quero! Eu sou alsaciano, francês! [...] Aí meu bisavô disse: “Então você vai pra (sic) escola de rabinos!”. Aí ele: “E também não quero ser rabino!”. (FACÓ, 2012, p.3)

Notamos então o desconforto manifestado pelo jovem Myrtil, desconforto esse advindo da inadequação aos planos paternos destinados a ele. Apesar da recusa de Myrtil ao rabinato, sabemos que a religião tem importância basilar na cultura judaica, sendo ao mesmo tempo traço de definição cultural e preceito de vida, como ressalta Cordeiro (2002).

A opção encontrada para driblar tais perspectivas foi a de imigrar para o Brasil, posto que dois irmãos de sua mãe, Henri e Myrtil Levy, já viviam e estavam plenamente estabelecidos em Aracati, no Ceará. Mais uma vez é a fala de uma neta que vem ilustrar tais fatos:

> [...] e o vovô disse: "Não! Eu vou pro (sic) Brasil!". Onde tinham aqui dois irmãos da "grand mére": o tio Henrique (Henri), que eu ainda conheci bem velhinho, e o tio Myrtil... O Myrtil voltou pra (sic) Alsácia e o tio Henrique morreu aqui. [...] Então ele... A "grand mére" disse: "Pois você vá" Vá me fazendo duas promessas... Primeiro não se case com "gói"[8] e segundo não deixe de ser judeu!". Aí ele disse: "Mamãe, eu nunca na minha vida vou deixar de ser judeu! Sou judeu! E também me casar com "gói" não! Eu quero "faire l´Amérique![9]". É uma expressão que tem no francês... [...] Daí ela consentiu e ele saiu mais ou menos escondido pela França, não sei se foi por Marseille[10] ou... [...] Ou pelo Havre[11], não sei... Nunca lembrei de perguntar... Aí ele chegou no Recife... [...] Ele chegou aqui em 1897, agora ele nunca me disse o mês, a data... Chegou no Recife... Achou aquilo uma coisa horrível! Horroroso! E os tios contrataram um pessoal que fazia o percurso de Recife pra (sic) Aracati em lombo de burro. E ele veio em lombo de burro. (FACÓ, 2012, p. 3-4)

Diante disso, Myrtil Meyer passou a ser o mais novo habitante da cidade de Aracati, em 1897. A população da cidade, em fins do século XIX, girava em torno de 20 mil almas. Notável era sua dedicação ao comércio, sobretudo às atividades de importação e exportação, posto que seu porto se constituía num dos mais importantes da região, cita Fernandes (2006).

Figura 1: Foto da antiga Rua do Comércio, em Aracati, atual Rua Cel. Alexandrino (início do século XX - acervo particular de Melquíades Júnior).



[8] Literalmente gentio, não-judeu.
[9] Fazer a América.
[10] Importante porto do sul da França.
[11] Importante porto do norte da França.

O Ceará de então encontrava-se sob o jugo da oligarquia de Nogueira Accyoli, oligarquia essa que beneficiou-se dos capitais gerados pelo ciclo algodoeiro vivido pelo Estado no período de fins do século XIX e início do XX. As principais cidades cearenses passaram por intervenções e melhorias urbanas e de logística, como a estrada de ferro Baturité-Fortaleza. Aracati foi uma delas, menciona Ponte (1999).

Uma vez instalado nessa cidade, Myrtil Meyer contou com o apoio dos tios maternos na sociedade acolhedora. A economia local havia sido alimentada por diversos ciclos: as charqueadas, o couro, a cera de carnaúba e o algodão. Através do rio Jaguaribe, trafegavam riquezas escoadas pelo porto aracatiense. O tráfego de "vapores" (navios a vapor) era constante na foz jaguaribana e importantes firmas e consulados estrangeiros mantinham escritórios em Aracati, cita Fernandes (2006).

O comércio local registrava à época várias firmas capitaneadas por franco-judeus. Podemos citar a "Gradvohl Fréres", a "Levy Fréres", a "Weill e Cie.", a "Habsreutinger e Cia." e a "J. Klein e Figueiredo". Exportavam-se tecidos rústicos, cera de carnaúba, aguardente, peles de cabra, chapéus, bolsas e esteiras de palha. As compras e importações das praças de outras regiões do país e exterior consistiam em arroz, açúcar, café, fazendas finas, artigos de armarinho, ferragens, fumos, móveis, louças e molhados, afirma Fernandes (2006).

Nesse contexto, Myrtil Meyer inseriu-se na trama dessas dinâmicas trocas comerciais. Sabemos que trabalhou durante um período numa das principais firmas de exportação e importação da cidade: a "J. Klein e Figueiredo". A fala de uma das netas pontua tal fato:

> Ele também trabalhou na firma "Figueiredo Klein"! Associou-se depois ao senhor Alexandre Matos Costa Lima, coronel Alexanzito... E uma coisa que eu tenho uma mágoa danada! O Aracati tem uma rua chamada Coronel Alexanzito e não tem uma rua Myrtil Meyer! (FACÓ, 2012, p. 11)

Após algum tempo, veio a casar com uma "gói", contrariando as recomendações maternas: a escolhida foi Francisca Porto - jovem órfã criada pela tia - ,Caetana Porto, ela mesma a esposa de um franco-judeu, Jacques Klein, cita uma das netas. Os casamentos mistos (casamentos entre judeus e gentios) não eram tão raros no período, ocorrendo geralmente quando não havia moças de mesma etnia nas comunidades locais.

Figura 2: Fotografia do casal Francisca Porto Meyer e Myrtil Meyer, Aracati, anos 1910 (acervo particular de Lucile Meyer).



Já casado, Myrtil Meyer resolve sair da "J. Klein e Figueiredo" para alçar maiores voos. Abre um pequeno empório, vindo a experimentar relativo sucesso. Posteriormente veio a unir-se à firma "Costa Lima e Irmãos", que passou a chamar-se "Costa Lima e Myrtil", sendo um colosso regional no período. Alexandre Costa Lima, um dos sócios da "Costa Lima e Irmãos", fundada em 1875, decidiu expandir sua firma com o capital de um novo parceiro comercial. Optou por sondar o judeu alsaciano Myrtil Meyer acerca dessa possibilidade. Ocorre que Myrtil não dispunha da quantia total exigida por Alezanzito (apelido de Alexandre) para adentrar na sociedade. Outro franco-judeu, Robert Gradvohl, ao saber da proposta recebida por Myrtil, mandou chama-lo. Ofereceu-se para cobrir a parte que faltava para que Myrtil entrasse na sociedade. Myrtil Meyer aceitou e, após algum tempo, veio a pagar integralmente sua dívida para com o amigo. Notamos aqui a rede instituída entre os alsacianos que viviam em Aracati, nesse período. Fortes laços se constituíram devido à religião, à experiência migratória e às origens em comum. Sobre isso, a neta Heloísa narra:

> Aí convidou... Ele disse: "Myrtil, você não quer seu meu sócio, não?" E ele disse: "Mas eu não tenho dinheiro! Como é que eu vou entrar numa firma grande como a sua, uma firma forte?" [...] Aí os Gradvohl souberam da história... [...] Aí chamaram o vovô e disseram: "Myrtil, não enjeite um negócio desses, não!" [...] "Você aceite!" [...] "Eu lhe empresto o dinheiro!" [...] Aí o vovô disse: "Se é assim eu aceito!". O vovô era muito amigo dos Gradvohl! [...] Aí o vovô entrou com um pouco de dinheiro dele e com o dinheiro emprestado dos Gradvohl e foi pra adiante! O vovô era comerciante! Aracati era mais importante que Fortaleza. (FACÓ, 2012, p. 9).

Dessa forma, com a entrada de Myrtil Meyer na sociedade, passou a experimentar a nova firma um grande crescimento. Uma das principais atividades do estabelecimento era a compra de algodão, de cera de carnaúba e oiticica, todos para exportação. O algodão era prensado em um equipamento de baixa densidade, após o beneficiamento em uma usina de descaroçar. Com o tempo, em 1915, acabam por abrir uma filial em Fortaleza. Essa filial estava situada na Avenida Alberto Nepomuceno, 88; esquina com Travessa Icó.

Podemos encontrar uma enorme quantidade de anúncios da "Costa Lima e Myrtil", tanto em periódicos, como em revistas e almanaques comerciais do Ceará de princípios do século XX. O almanaque comercial "Terra Cearense" (1925), traz uma infinidade de anúncios não só da firma de Myrtil, mas como também da "J. Klein e Figueiredo" e de outras pertencentes aos franco-judeus.

Diante disso, podemos concluir que esses **projetos pessoais** (grifo nosso), aqui entendidos como estratégias de vida adotadas por esses imigrados, foram bem sucedidos. Esses indivíduos articularam seus **campos de possibilidades** (grifo nosso), entendidos aqui como as formas de ser e agir escolhidas por cada um, com as estruturas sociais palpáveis em seus locais de inserção. Dessa forma, dependendo da maneira como se configuram as **redes sociais** (grifo nosso), o lugar onde se vive pode ter suas fronteiras expandidas, ou pode ficar delimitado às estruturas locais. É do entrelaçamento entre **trajetórias de vida**, **campo de possibilidades** e **redes sociais** que fala esse trabalho. A jornada desses imigrantes alsacianos lidou com uma série de variáveis que determinaram suas escolhas. Suas trajetórias foram construídas a partir de um lugar histórico influenciado pelo contexto vivido. Suas possibilidades elaboraram-se a partir de uma herança étnica e das conjunturas sócio-econômicas da época.

Figura 3: Fachada da "Casa Costa Lima e Myrtil", em Aracati, início do século XX (acervo particular de Carlos Juaçaba).



CONCLUSÕES

Sabemos que os judeus imigrados para as Américas enfrentaram muitas dificuldades. Talvez a primeira e maior barreira tenha sido a da língua e costumes. Porém, acostumados às migrações forçadas que perpassaram seus trajetos, cedo aprenderam a formar laços associativos que garantissem o mínimo de segurança. Myrtil Meyer e seus companheiros de sina migratória optaram pela aculturação pacífica. A língua local foi aprendida e os costumes incorporados. A religião ficou relegada à esfera do íntimo e do privado, conforme atestam seus descendentes.

A investigação acerca da inserção sócio-econômica desses imigrados possibilitou a percepção de alguns traços comuns com outras experiências migratórias do período, como a dos sírio-libaneses[12]: a preferência pelo comércio, pelos cenários urbanos e pelas associações baseadas em camaradagens de origem. Tais camaradagens consistiram na manutenção e extensão de laços de parentesco e de amizade que iam sendo cultivados nos processos imigratórios.

Contudo, essas camaradagens dos franco-judeus não excluíram os "goim[13]". Pelo contrário, percebemos que a associação de brasileiros com alsacianos esteve presente na cidade de Aracati do período em questão. Essas firmas administradas por cearenses e judeus imigrados serviram como ponte que uniu o comércio de produtos dos sertões jaguaribanos com o mundo para além do Atlântico.

Esse pequeno grupo de franco-judeus alcançou a América Pródiga. De certo modo, a tão mítica e perseguida Terra Prometida do patriarca Abrahão metamorfoseou-se nas planícies repletas de carnaubais do Ceará.

---

[12] Ver FRANKLIN, Ruben Maciel. **"Gallegos", "gombadres" e negócios**: os imigrantes libaneses na praça mercantil da cidade de Fortaleza – CE (1890-1930). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Cnetro de humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, fortaleza, 2011.

[13] Gentios.

FONTES

Fontes Orais:

FACÓ, Heloísa Meyer Alves (neta de Myrtil Meyer). **Entrevista sobre Myrtil Meyer**. Fortaleza, 15 abr., 2012.

FACÓ, Heloísa Meyer Alves (neta de Myrtil Meyer). **Entrevista sobre Myrtil Meyer**. Fortaleza, 27 nov., 2012.

Memorialistas:

FERNANDES, Leônidas Cavalcante. **Aracati**: o que pouca gente sabe. Rio de Janeiro – São Paulo – Fortaleza: Abc Editora, 2006.

LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense**. 2. ed. Fortaleza: IOCE, 1979.

Fontes Impressas:

Almanaque Comercial **“Terra Cearense”**. Fortaleza: publicação do Governo do Estado, 1925.

Revista **“A Jandaia”**. Fortaleza: Typographia Renascença, v. 1, n. 1, 1925.

Revista **“Bataclan”**. Fortaleza: Empresa Cearense de Anúncios, v. 1, n. 1, 1926.

Figura 4: Fachada da "Casa Costa Lima e Myrtil", em Aracati, início do século XX (acervo particular de Carlos juaçaba).

REFERÊNCIAS:

BASTOS, Núbia Maria Garcia. Introdução à Metodologia do Trabalho Acadêmico**. 5. ed., Fortaleza: Gráfica e Editora Nacional, 2008.**

BRENNER, Michael. **Breve história dos judeus**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

COELHO, Ricardo Corrêa. **Os Franceses**. São Paulo: contexto, 2007.

CORDEIRO, Daniel Hélio. **O que é judaísmo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

DA CORTE, Andréa Telo. **Prestamistas, comerciantes e doutores**: uma história dos judeus em Niterói. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.

FRANKLIN, Ruben Maciel. **“Gallegos”, “gombadres” e negócios**: os imigrantes libaneses na praça mercantil da cidade de Fortaleza – CE (1890-1930). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2011.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios – 1875/1914**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000.

LIMONCIC, Flávio. Um mundo e movimento: a imigração asquenaze nas primeiras décadas do século XX. In: GRINBERG, Keyla (Org.). **Os Judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). 2. ed. Fortaleza: fundação Demócrito Rocha, 1999.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará**: origens do capital estrangeiro no Brasil. São Paulo: HUCITEC/Editora UFRN, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.